

Medo de esvaziamento

ANTONIO XIMENES

SÃO PAULO – O presidente da Bolsa de Valores de São Paulo (Bovespa), Alfredo Rizkallah, disse ontem que o aumento de 0,2% para 0,38% da Contribuição Provisória sobre Movimentação Financeira (CPMF) vai provocar a fuga das principais empresas brasileiras para a Bolsa de Valores de Nova Iorque. “Seria uma medida perversa, que afetaria os negócios nas bolsas, que ficariam esvaziadas”.

Rizkallah observou que seria um erro grave aumentar ainda mais os custos das operações nas bolsas brasileiras. “Hoje, há sete empresas nacionais negociando suas ações no pregão de Nova Iorque, de um universo de 52 empresas do Brasil com ADRs nos Estados Unidos. Só a Telebrás negocia 70% de seus papéis lá, fazendo com que a Bovespa negocie apenas 30%. Isso nos preocupa, porque é uma tendência”, comentou.

O presidente da Bovespa lembrou que o Congresso pode evitar que a CPMF salte para um patamar inaceitável. “Como não houve um pacote no estilo Medida Provisória e ponto final, temos esperança de que os deputados e senadores possam barrar esse aumento”.

Rizkallah ressaltou que com os juros a 40% ao ano, fica praticamente inviável tomar recursos nos bancos para financiar a produção das empresas. “Se não dá para captar recursos com uma taxa destas no sistema bancário interno, a situação fica mais crítica quando se tenta captar no exterior, porque a falta de liquidez é notória”, disse. “Parece que não querem ver que estamos passando por um risco sistêmico”, desabafou.

Mesmo preocupado com a possibilidade de aumento dos custos nos negócios na Bovespa, Rizkallah mostrou uma ponta de otimismo ao comentar que, se o governo agir com rapidez na aprovação das reformas da previdência e tributária, o mercado acionário pode reagir positivamente e assimilar as dificuldades oriundas do desdobramento do ajuste fiscal. “Mas, se isso não acontecer no curto prazo, podem esperar o aumento do desemprego e a diminuição da atividade econômica”, salientou.

O presidente da Associação Brasileira das Companhias de Capital Aberto (Abrasca), Alfred Plöger, também não gostou da proposta do governo de aumentar a CPMF. “Isso inviabilizaria os negócios nas bolsas”, comentou laconicamente. Plöger observou que, se o governo mantiver a sua política de sobretaxar o mercado de capitais, pode provocar a diminuição do ingresso de recursos externos no país, via Anexo IV – instrumento que permite o acesso dos estrangeiros na Bovespa. “As margens de lucro seriam muito reduzidas, o que poderia causar perda de rentabilidade para os investidores externos”, finalizou.

Quarto erro – Embora considere corretas algumas medidas, o presidente em exercício da Fiergs (Federação das Indústrias do Rio Grande do Sul), deputado federal Luís Roberto Ponte (PMDB), classificou o anúncio do ajuste fiscal, agora, como o “quarto erro do presidente, erro de *time* (tempo)”. Segundo ele, Fernando Henrique também errou ao não aprovar as reformas quando assumiu seu primeiro mandato, com amplo apoio popular; depois, por não propor a reforma durante a crise do México; e, por fim, por não fazê-lo na crise da Ásia ou do Japão”, disse Ponte, em entrevista à Rádio Gaúcha.